



ST7. VEREDAS HISTORIOGRÁFICAS NOVAS LINGUAGENS PARA PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA

420

RÊ BORDOSA E AS DIMENSÕES DO FEMININO NOS QUADRINHOS UDIGRUDI

Keliene Christina da Silva¹

Resumo: No presente artigo, pretendemos discutir as propostas de dimensões do feminino apresentadas nas tiras cômicas da personagem Rê Bordosa, uma das criações mais conhecidas do cartunista Angeli, grande nome, e precursor, dos quadrinhos udigrudi, uma versão brasileira do underground norte-americano. Nesse sentido, buscamos entendê-las em uma perspectiva alinhada às ideias de Chartier, ou seja, enquanto representações do período no qual são produzidas. Descrita como “a pin-up dos anos 80”, ela não tem amarras com sua própria sexualidade, e foge aos padrões da mulher, digamos, “convencional”, pois seu comportamento remete mais a atitudes associadas tradicionalmente ao padrão masculino. Dessa forma, pretendemos analisar o feminino apresentado pela personagem, que dialoga com o público numa perspectiva de crítica às amarras sociais e os padrões comportamentais tradicionais, visão esta aliada à proposta contracultural na qual a mesma é desenvolvida.

Palavras-chave: Angeli; Histórias em quadrinhos; representações.

As imagens se constituem como parte das relações humanas desde muito tempo, ao falarmos em história da comunicação é quase impossível não nos lembrarmos das pinturas em Lascaux ou da tapeçaria de Bayeux, considerados entre os registros mais antigos de transmissão de mensagens através de desenhos. O ser humano é um agente comunicador por excelência, tendo construído uma teia de elementos significantes ao longo da história, estes sempre carregados de intencionalidades e de referências ao contexto e situação em que são produzidos.

No campo da pesquisa histórica, o estudo de imagens sempre encontrou espaço mais amplo na análise de pinturas e esculturas, em um ramo mais aproximado da história da arte. Porém, com a abertura proporcionada pelos Annales, o *labor* historiográfico direcionou-se para outros tipos de imagem, levando a estudos em

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora de História do Ensino Fundamental na rede municipal de João Pessoa. Tutora à distância no curso de Pedagogia da UFPB Virtual.

fotografia e cinema. Recentemente, temos presenciado o ingresso de outra linguagem visual nos domínios da história: as histórias em quadrinhos.

Consideradas por muito tempo no Brasil como literatura infantil, as histórias em quadrinhos atualmente conquistam cada vez mais espaço no ambiente acadêmico, constituindo pesquisas profundas e se apresentando como possibilidade de prática docente aos licenciados.

No presente estudo, analisamos as dimensões do feminino presente nas histórias em quadrinhos da personagem Rê Bordosa, entendendo-as dentro do contexto histórico em que foram produzidas, uma vez que, segundo Louro (1997), as construções dos gêneros são parte do processo histórico. Consideramos ainda as mesmas sob o prisma do conceito de representação proposto por Roger Chartier, no qual afirma que “as representações do mundo social, embora aspirem a uma universalidade, são sempre determinadas pelo interesse dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1990: 17). Ainda segundo o autor:

(...) as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Dessa maneira, entendendo-as como representações sociais do contexto em que foram produzidas, como portadoras de significados próprios dos grupos, ou indivíduos, que as produziram, trilhamos aqui os caminhos da História Cultural e buscamos identificar percepções sobre o feminino presentes na personagem Rê Bordosa, uma criação do cartunista Angeli, veiculadas na revista *Chiclete com Banana*.

Para tal, buscamos analisá-las através da semiótica peirceana, tomando como base o seguinte pressuposto: “Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PEIRCE, 2012, p. 46). Partindo da defesa da “natureza social do signo” (SOUZA, 2006, p. 157) feita por Peirce, buscamos entendê-lo a partir do lugar de comunicação no qual o mesmo é reproduzido, o que nos permite uma aproximação aos interesses intrínsecos às representações, proposto por Chartier.

Na tricotomia peircena o signo pode ser analisado em si mesmo (qualisigno, sinsigno, legisigno), como objeto (ícone, índice e símbolo) e como interpretante (rema, dicent e argumento). Uma vez que “as pesquisas semióticas derivadas de Peirce sempre privilegiaram a análise da imagem visual” (SOUZA, 2006: 164), analisamos as imagens escolhidas no presente artigo enquanto objeto, através da tricotomia: ícone, índice e símbolo.

CARACTERIZANDO O SUJEITO E O OBJETO

Antes de adentrarmos na análise da obra propriamente dita, acreditamos ser necessário apresentar ao leitor nosso sujeito histórico e o objeto sobre o qual se debruça esta pesquisa.

Arnaldo Angeli Filho nasceu no dia 31 de agosto de 1956, em São Paulo. Publicou seu primeiro trabalho relaciona ao humor gráfico na década de 1960, na revista *Senhor*. Em seguida, “nos anos 70, se engajou na produção de humor gráfico de panfletos e jornais sindicais, ligado aos movimentos operários do ABC paulista” (DINIZ, 2001: 28). Segundo Diniz (2001), foi neste período que Angeli criou personagens que podem ser considerados como um tipo de “ensaio” para a produção da década de 1980, período no qual alcançou maior reconhecimento, especialmente por conta do sucesso editorial da *Chiclete com Banana*. A partir de 1974 começou a publicar tiras diárias no jornal Folha de São Paulo, neste espaço Angeli desenvolveu personagens que posteriormente o tornariam muito famoso, como *Rê Bordosa* e *Bob Cuspe*.

Essa origem vai marcar toda sua trajetória em dois sentidos: adoção de uma postura crítica diante da realidade social através do humor sarcástico de seus quadrinhos; simpatia em relação aos movimentos culturais alternativos, principalmente quando relacionados à juventude (SILVA, 2002, p. 60).

Frequentador do cenário alternativo de São Paulo desde muito jovem, Angeli simpatizou com alguns movimentos culturais da juventude urbana da época. Depois de frequentar os mais diversos ambientes e beber das mais variadas fontes, podemos afirmar que foi entre os *punks* que nosso autor encontrou seu lugar (Revista TRIP, 2010: ed.191), influenciando sua produção e possibilitando um diálogo mais intenso com seu público na época. Junto a Laerte e Glauco, formou a “trinca dos melhores e mais ativos quadrinistas da contra-cultura brasileira atual” (GOIDANICH, 1990, p. 145).

Em outubro de 1985 lançou a revista *Chiclete com Banana*, através da *Circo Editorial*, um empreendimento de Toninho Mendes. A revista, que se configurou como um grande sucesso editorial na época, tornou-se uma grande representante da contracultura nos quadrinhos, uma ressignificação do *underground* norte-americano no Brasil sob o nome de *udigrudi*. “Suas características tendiam a seguir as propostas estéticas e culturais desses movimentos à margem do mercado oficial” (SILVA, 2002: 24). A revista teve vinte quatro edições bimestrais, além delas foram publicadas mais dez edições especiais e dez títulos da série *Tipinhos Inúteis*. Foram, ao todo, mais de 3 milhões de exemplares vendidos (CHICLETE COM BANANA – ANTOLOGIA, 2007:02).

Desenvolvendo as atividades das edições bimestrais entre os anos 1985 e 1990, observamos na revista os mais variados temas, uma vez que os assuntos explorados pelos artistas da contracultura são diversos. Para o presente artigo, nos concentramos na personagem *Rê Bordosa*, uma representação do feminino nos moldes da proposta *udigrudi*.

RÊ BORDOSA, A PIN-UP DOS ANOS 80

Cristianismo: só gosto do vinho e dos pecados. (Rê Bordosa, Revista Chiclete com Banana nº1)

A personagem Rê Bordosa já fazia sucesso bem antes do lançamento da revista *Chiclete com Banana*, nas tiras desenvolvidas pelo autor na *Folha de S Paulo*. Ela também foi a personagem título do segundo livro lançado por Angeli pela série *Traço e Riso*, podendo ser considerada, juntamente a Bob Cuspe, outro personagem do cartunista, como um dos motivos do sucesso de vendas da revista.

Na *Chiclete com Banana*, Rê Bordosa apareceu no primeiro número. Seu nome traduz sua vida, pois através da leitura desta palavra nos remetemos à ideia do dia seguinte, das reincidências, ocorrências estas que, na grande maioria das vezes são esquecidas por efeito da embriaguez consequente à vida de farras e bebedeiras da personagem, esta chega mesmo ao ponto de esquecer o nome de seu parceiro sexual da noite anterior.

Suas histórias desenvolvem-se, na maioria das vezes, em dois ambiente: ou ela está no bar ou está na sua banheira. Aparecerem histórias da personagem em outros lugares, como a cama, por exemplo, ambiente no qual ela aparece sempre acompanhada, embora em alguns caso não saiba exatamente com quem. É possível fazer a leitura de que todos os espaços por onde a personagem figura, nos apresentam traços do seu comportamento e, conseqüentemente, características de diálogo e reconhecimento com seu público leitor.

Assim como descrita na entrevista de Benevides Paixão² no primeiro número da revista, Rê Bordosa é a “pin-up dos anos 80” (*Chiclete com Banana* n. 1, 1985, p. 23), ela não tem amarras com sua própria sexualidade, e foge aos padrões da mulher, digamos, “convencional”, pois seu comportamento remete mais a atitudes associadas tradicionalmente ao padrão masculino, ou ao que “socialmente se construiu” (LOURO, 1997, p. 21) sobre ele. Temos conhecimento de que a dicotomia homem e mulher é uma proposta a qual os estudos de gênero rejeitam, entendemos, no entanto, que é esse o espaço no qual o cartunista ativa o gatilho do humor nas suas histórias, valendo-se do recurso que podemos entender como “comicidade das diferenças” (PROPP, 1992).

Iniciemos nossa discussão através de duas tiras cômicas presentes no primeiro número da revista, nelas o autor nos apresenta as relações familiares da personagem, nos apresentando pai e mãe dela.

² Benevides Paixão foi mais um dos personagens fictícios que figuravam nas páginas da *Chiclete com Banana*, entretanto não era desenhado nem aparecia em fotonovelas, tinha uma coluna onde realizava tanto entrevistas com os personagens da revista ou personalidades que de fato existiam assim como também tecia comentários sobre a atualidade, tudo, claro, regado de muito humor ácido e corrosivo.

Figura 01. Fonte: *Chiclete com Banana* nº1. Circo Editorial. Outubro de 1985, p. 27.

Analisando a Fig. 01 enquanto ícone, verificamos um conjunto de três quadros que compõem a tira cômica, e nos apresentam duas mulheres conversando, uma dentro da banheira, a outra sentada em uma cadeira. Os diálogos presentes nos balões indicam tratar-se de mãe e filha, a primeira aconselhando a segunda, uma vez que a personagem Rê Bordosa, como explicado inicialmente, passa o dia seguinte às suas farras lamentando-se na banheira, que atuaria, no caso, como o substituto de um divã, sendo o leitor seu interlocutor.

O discurso da mãe de Rê Bordosa remete ao simbolismo tradicionalmente atribuído à mulher como senhora do lar, ao afirmar à filha que “uma mulher não pode esperar da vida apenas uma banheira” a mãe faz uma crítica ao estilo de vida atual adotado pela mesma, que ao indagar a mãe a partir do questionamento “E o que mais ela pode esperar?” aciona o recurso cômico da tira, que traz o risível através de uma resposta contrária ao andamento da história, presente na resposta da mãe: “Uma pia de cozinha, um tanque de lavar roupa, um fogão...”. Ao ouvir tal resposta, a filha mergulha na banheira demonstrando sua negativa à sugestão da mãe.

Nesse diálogo vemos a oposição entre dois comportamentos, mãe conservadora e filha liberal, uma situação presente em muitas famílias da época, que, no caso da família da personagem, apresenta alguns traços de tradicionalismo personificados na figura da mãe, uma dona de casa cristã que vive tentando colocar a filha no “bom caminho”.

Podemos verificar que, semelhante à maioria da juventude contestadora, assim como nosso autor, ela veio de um lar cuja estrutura pode ser tida como “normal” dentro dos padrões da época, mas passou a levar uma vida desapegada das regras ao ingressar na vida noturna da juventude contracultural paulistana. Lembramos que os movimentos contraculturais caminhavam na contramão dos padrões comportamentais pré-estabelecidos, logo, apresentar uma personagem que rompe com os mesmos se alinha à proposta dos quadrinhos *udigrudi*, que contestavam o mercado editorial hegemônico explorando temas polêmicos. Ousamos afirmar que Rê Bordosa pode ser entendida como o “eu feminino” de Angeli, um assíduo frequentador do cenário noturno paulistano.

Figura 02. Fonte: *Chiclete com Banana n°1*. Circo Editorial. Outubro de 1985, p. 28.



425

Na Fig. 02, temos o mesmo formato icônico da primeira, em três tiras é desenvolvido o diálogo entre um homem, sentado em um banco e uma mulher que está em uma banheira. As falas nos indicam uma conversa entre pai e filha, na qual o primeiro indaga sobre a vida da segunda. Partido para as dimensões do que simboliza tal sequência, tomamos a liberdade de nos expressarmos no sentido, de apresentar o pai da personagem como a “má influência” dentro da família. Um sujeito que se envolve com outras mulheres, e, assim como a filha, também bebe. Porém, o próprio pai não está satisfeito com o estilo de vida da filha, pois ao receber como resposta da filha à sua pergunta sobre como anda a vida a resposta “Cheia de aventuras sexuais, motéis, bares, boemia, curtições... enfim... uma vida excitante!”, ele, no segundo quadro, parece concordar através da afirmação “Excitantíssima!”. Porém, seguindo o modelo de ação humorística das tiras cômicas, ele completa a cena com a frase “para um filho HOMEM”. Seguindo a oposição binária que tradicionalmente se difundiu sobre as atitudes típicas e homens e outras de mulheres, visão esta desconstruída pelos estudos feministas, o pai de Rê Bordosa encarna o discurso machista de que alguns comportamentos são exclusivos do sexo masculino. Ao colocar uma personagem feminina nessa situação, Angeli levanta o debate sobre essa questão em um tom de crítica ao tradicionalismo em torno de um possível “comportamento exemplar” feminino que deveria ser adotado para que uma mulher fosse considerada enquanto tal.

Figura 03. Fonte: *Chiclete com Banana n°9*. Circo Editorial, Abril de 1987, p. 31.



Por fim, na Fig. 03, partido dos aspectos icônicos da imagem, verificamos novamente uma sequência de três quadros onde uma mulher, fumando dentro de uma banheira, desenvolve um diálogo ao telefone com seu interlocutor. Os diálogos nos

indicam que a personagem está telefonando para uma clínica de abortos, logo, supõe-se uma gravidez da mesma, a qual ela tenta por fim. No aspecto do símbolo, podemos caracterizar a história no que diz respeito ao “instinto maternal”, que, como apresentado aqui, passa longe do seu horizonte.

A tira selecionada faz parte de um conjunto maior, composto por outras com a mesma temática que nos dão conta da “saga” da personagem surpreendida por uma gravidez indesejada. Quando se dá conta de que está grávida, Rê Bordosa começa a se questionar nas sequências anteriores se deve ou não ter esse filho, porém, a cada quadro conclusivo percebe-se que sua intenção é sempre de não tê-lo.

Finalmente, decidida pelo aborto, conforme vemos na Fig.03, última tira da sequência, inicia a busca por uma clínica de abortos, e encontra uma com o sugestivo nome VAPT-VUPT, ao ser questionada pela atendente se é uma cliente nova, ela responde que não é uma novata, mas a **sócia fundadora**. Além do efeito cômico dado à tira com tal desfecho, Angeli também evidencia o desapego da personagem aos padrões morais e religiosos, tocando em um tema que é polêmico até os dias de hoje.

As atitudes de Rê Bordosa não são comuns ao padrão patriarcal, e daí provém em um primeiro momento sua posição crítica. Todavia, o espaço da banheira é explorado amplamente pelo autor como momento de reflexões da personagem. A banheira é seu espaço de reflexão existencial (ou seria lamentação?), “em sua eterna busca em conhecer-se a si mesma, questionando a todo momento sua situação, vai-se tornando cada vez mais incapaz de diferenciar-se da realidade que a cerca” (SILVA, 2002, p. 89).

Ela dialoga com mulheres de classe-média, livres das amarras sociais e convenções comportamentais. Rê Bordosa encarna e radicaliza a contestação e a busca pelo prazer na noite por meio da bebida e de parceiros sexuais ocasionais, porém, tal liberdade é posta em prova no dia seguinte, ao viver a ressaca na sua banheira, refletindo e lamentando a noite passada, isto é, quando consegue lembrá-la.

FONTES

Chiclete com Banana n.1. Circo Editorial. Outubro de 1985.

Chiclete com Banana n.9. Circo Editorial. Abril de 1987.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

GOIDANISH, Hiron Cardoso. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MENEGUELLO, Rachel. *Partidos e governos no Brasil contemporâneo (1985-1997)*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SILVA, Nadilson Manoel da. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume, 2002.

SOUZA, Licia Soares de. *Introdução às teorias semióticas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

TESES E DISSERTAÇÕES

DINIZ, Paulo Fernando Dias. *Os quadrinhos de Angeli e o contemporâneo brasileiro* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2001.

PERIÓDICOS

Chiclete com Banana – Antologia n.1. Editora Devir. (Junho de 2007)

Entrevista de Angeli concedida à revista TRIP. Disponível em <http://revistatrip.uol.com.br/revista/191/paginas-negras/angeli.html>. Acesso em 30 de agosto de 2010.